



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

PRISCILA KELLY FIGUEIREDO

(depoimento)

2014

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-391

Entrevistada: Priscilla Kelly Figueiredo

Nascimento: 02/01/1981

Local da entrevista: CEME – UFRGS

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/03/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo e Eliana Ribeiro de Freitas

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos e 31 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção tese de doutoramento de Christiane Garcia Macedo intitulada *Locais de memória da Educação Física: os Centros de Memória das universidades federais*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer da Universidade Federal de Sergipe (CEMEFEL); Formação do CEMEFEL como grupo de estudos; Início da coordenação do CEMEFEL; Dificuldades para conseguir bolsistas; Temáticas trabalhadas no grupo; Infraestrutura disponível; Financiamento de projeto pela Rede Cedes; Apoio da Universidade; O acervo; Experiência no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Porto Alegre, 19 de março de 2013. Entrevista com Priscilla Kelly Figueiredo a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Primeiramente quero te agradecer, pois para meu trabalho é muito importante essa entrevista, e também é importante registrar o início e o desenvolvimento do Centro de Memória. Como você se envolveu com o Centro de Memória, no Sergipe?

P.F. – O meu envolvimento começa anteriormente quando estava em Minas Gerais. Saio da Graduação em Viçosa, vou fazer mestrado em Campinas na Unicamp¹ e quando eu volto, ainda não havia terminado o mestrado, para fazer parte da equipe, para fazer parte das reuniões do CEMEF², na UFMG³. Apesar de não ter me envolvido num caráter mais técnico, me envolvi com o grupo de estudo e de pesquisa, no CEMEF. E quando faço concurso em fevereiro de 2009, em maio já estou em Aracaju por isso que digo que meu envolvimento tem muita relação com meu lugar de pertencimento anterior e meu olhar sobre a história porque a circulação entre outros âmbitos. A minha chegada em Aracaju, em alguma medida, ela se dá também pelo acolhimento do professor Hamilcar Silveira Dantas Junior, professor de História que sabia do meu interesse. Então, quando eu chego, ele se disponibiliza e inclusive assume outras disciplinas deixando oficialmente a disciplina de História comigo, a disciplina da graduação. Ao mesmo tempo, que isso está acontecendo, o professor José Américo⁴, fundador do Centro de Memória da Educação Física do Esporte e do Lazer, de lá, estava no Doutorado. Ele faz uma dissertação, defendida no Programa de Pós Graduação em Educação, em alguns anos anteriores, mobilizando a história oral, sobre a história do departamento, da Educação Física naquele departamento. Ao que me parece, é nesse processo que ele constitui o centro de memória. E o professor Sergio Dorenski que também assume aquilo, naquele momento. Se não me engano, isso foi em meados dos anos 2000, não me recordo exatamente, no entanto temos isso em textos publicados. Quando chego, no ano de 2009, esses dois professores foram para linha de pesquisas diferentes. Eles inclusive fazem uma das semanas de Educação Física com a temática da história, no momento em que eles estão mobilizando o Centro de

¹ Universidade Estadual de Campinas.

² Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.

³ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ José Américo Menezes.

Memória, e trazem a professora Silvana Goellner⁵ e depois eles se mobilizam para outras linhas de pesquisa. Nesse momento eles *abandonam*, entre outras, o Centro de Memória para assumir outras temáticas, outras áreas. A *estrutura* do Centro de Memória, o material institucional, sobre tudo o que estava lá, e material de professores, o que não foi descartado pela própria instituição, porque a gente sabe, que muito do que estava lá foi queimado por uma secretária anterior. E em alguma medida eu assumo aquela estrutura e a gente tenta fazer um inventário dessa estrutura via um projeto do Ministério do Esporte, a gente consegue dois bolsistas e faz esse inventário, foi o que a gente conseguiu fazer nesse primeiro momento. Depois, pra mim fica muito difícil porque como eu ainda era mestre, dentro da Universidade, não conseguia bolsa para os alunos, a não ser bolsa via extensão e então, o que acontece é que meus bolsistas, acabaram se tornando voluntários, fazem pesquisa, está registrado, publicam na Semana Científica da Universidade, mas a maioria é voluntário. Eu tinha só uma bolsista mesmo. Essa dificuldade de mobilizar pessoal me dificulta entrar no material, mas eu assumo, em alguma medida, a estrutura. Mas o que está nela, a gente usou muito pouco em termos de pesquisa.

C.M. – Atualmente você e o professor Hamilcar que estão na Coordenação e trabalhando ou tem mais professores?

P.F. – Nesse processo de assumir a ideia de uma estrutura, daquele material, então vamos assumir aquele material. Nós tínhamos aqueles dois bolsistas e resolvemos registrar no diretório de grupos do CNPQ⁶ o grupo de pesquisa, que ainda não estava registrado. As atas da fundação do Centro de Memória estavam com o professor José Américo e com o professor Sergio Dorenski, mas enquanto grupo de pesquisa no Diretório de Grupos, a gente fez isso em 2009. Ele acabou funcionando muito mais enquanto um grupo de pesquisa, um grupo de estudo e um lugar de produção de pesquisa sobre a temática de história, onde a gente produziu seminários anuais e etc. Ao invés, de ser um lugar de organização, de catalogação e de salva-guarda efetiva daquele material porque pouco a gente mobilizou, mexeu, higienizou e este material está lá. Como a ideia do Centro de Memória estava muito mais caracterizada pelo grupo de pesquisa do que pela inserção no acervo, a gente mobilizou o grupo que estava chegando na Universidade e que tinha

⁵ Silvana Vilodre Goellner, Coordenadora do Centro de Memória do Esporte (UFRGS)

⁶ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

temáticas em comum que eram eu o professor Quéfrem Weld, o professor Fábio Zoboli e o professor Hamilcar. Esses professores, mesmo que não diretamente trabalhando com a temática da história, a história cruzava muitos dos nossos trabalhos, então resolvemos, nós quatro, que iríamos nos organizar em um grupo. O CEMEFEL⁷ seria uma espécie de “guarda chuva” pra essas temáticas minhas e do Hamilcar, mais ligadas à História da Educação Física, e para as temáticas do Quéfrem e do Fábio mais ligadas a uma discussão do esporte, o Fábio mais ligado a uma discussão da Filosofia, mas que cruzavam à história também. Então nós quatro decidimos que o grupo teria a História como eixo, mas seria um grupo “guarda chuva”, nesse sentido. Assim a gente se constituiu como Grupo de Pesquisa.

C.M. – Vocês chegaram a fazer alguma atividade de extensão ou relacionar com algumas atividades ligadas ao ensino dentro da Universidade?

P.F. – Eu sei que na disciplina de metodologia o professor Hamilcar levava os alunos, e outros professores também, para conhecer os grupos de pesquisa. O Centro de Memória, como um lugar, era um deles e em termos de atividade de extensão, como a gente chamava, e também o que conseguíamos, foram os Seminários de História da Educação Física e do Esporte. O professor Hamilcar fez um seminário, antes da minha chegada. Se não me engano, foi no mesmo ano de 2009, mas anteriormente a minha chegada. Posteriormente a minha chegada, nós dois, juntos realizamos dois ou três seminários. Esses seminários eram organizados pelo grupo de pesquisa também, assim, a gente tinha uma visibilidade maior da temática com os próprios acadêmicos e etc. Nós tentávamos fazer o *link* com o GTT de Memória⁸ e com o CBCE⁹ porque a gente estava na Secretaria¹⁰, na época. O que a gente mobilizou enquanto lugar de extensão foram os seminários.

C.M. – Vocês já fizeram alguma exposição com o acervo?

P.F. – Eu sei que o professor Sergio Dorenski e o professor José Américo fizeram uma exposição em uma das semanas da Educação Física com os cartazes das semanas de Educação Física anteriores. Isso ficava exposto na sala do Centro de Memória. Os

⁷ Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer.

⁸ Grupo de Trabalho Temático Memória da Educação Física e Esporte.

⁹ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

¹⁰ Secretaria Estadual do CBCE no Sergipe.

professores mandaram emoldurar os quadros para não perder a memória do evento. A ideia era guardar a memória do evento mesmo. Não sei se efetivamente foi uma exposição mesmo, mas eles tentaram salvar, guardar esses cartazes e eu acho que eles expuseram em alguns desses eventos. Como eu não estava lá, eu não posso te falar com certeza. É uma hipótese, pois os cartazes estavam lá, organizados e enquadrados e não estavam na parede e o professor Sergio me contou que eles haviam mobilizado aquilo em outro momento.

C.M. – Qual a estrutura que vocês possuem lá? Possuem uma sala, destinada só ao centro de memória, um espaço pra reserva técnica?

P.F. – [Risos] Quem dera. Nós temos uma sala e a gente foi buscando esse material que estava espalhado pelo departamento também. No momento em que a gente foi buscar esse material, foi muito engraçado porque o povo da Secretaria dizia assim: “Priscilla, tem um negócio para você aqui”. O tempo inteiro a gente ia lá buscar os materiais e o pessoal da secretaria achava que tínhamos que levar tudo o que eles não estavam usando mais. Nós dizíamos: “não, calma”. Tivemos que dar um ‘basta’, pois possuímos uma salinha pequena onde as coisas ficam alocadas em prateleira antigas, de madeira, com cupim. A sala tem um ar condicionado, mas tem alguns materiais que acabam se perdendo por conta da umidade da sala. Não temos climatização, o que é um problema.

C.M. – E em relação ao financiamento, você disse que vocês conseguiram do Ministério do Esporte, foi ligado á Rede CEDES¹¹?

P.F. – Sim, foi ligado á rede CEDES. Aquela que tinha uma linha de preservação¹², eu não lembro. A gente escreveu o projeto, via esse projeto nós conseguimos o financiamento. Foi o único que a gente teve, porque em alguma medida, eu também não solicitei de forma mais formal o auxílio de extensão da própria Universidade. Eu poderia ter entrado com um projeto de extensão depois desse segundo ano que o projeto cessou, mas eu preferi fazer outro caminho, porque eu achava que para dar conta daquele espaço, eu precisaria fazer um Doutorado, me qualificar, conhecer outras realidades, inclusive do centro de memória, que eu passaria por conta de pesquisa, como aqui. Porque também, é uma forma de me

¹¹Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

legitimar dentro da Universidade, para eu poder ter bolsistas e não somente voluntários como eu estava trabalhando no momento anterior. Com os bolsistas voluntários você tem uma carga horária menor e acaba trabalhando com os seus orientados de graduação. O pessoal acaba trabalhando “na força e na fé” mesmo [Risos].

C.M. – O objetivo deste projeto era o próprio acervo?

P.F. – Mais ou menos. A gente fez um *link* com o acervo, o único trabalho que a gente fez, trabalhando com o acervo, foi inclusive a parte dele, pra analisar os cursos técnicos de Educação Física que os professores de lá, davam pra fora. Havia um material rico sobre isso, então a gente escreveu sobre isso. Mas, em alguma medida, a gente tentou matizar tanto os interesses do acervo quanto os interesses de pesquisa meu e do Hamilcar, logo, ele não foi diretamente vinculado ao acervo. Ele foi pensado para olharmos para algumas coisas referentes ao acervo, como esse curso, sobre o qual a gente acaba escrevendo um texto com o Valdione Evangelista Alves Santos, que era o bolsista, o Felipe Alves Linhares Santos, o Hamilcar e eu, mas ele não estava diretamente ligado ao acervo, até porque a gente tinha noção dos nossos limites. Nós apenas tínhamos feito um inventário, básico para nos situarmos sobre o que temos. Deixamos salvo na plataforma, os meninos tentaram separar o material, num primeiro momento, tirar clipes, fazer essa higiene bem básica. Deixamos o material, praticamente, da forma como chegou. Nas mesmas caixas sujas e empoeiradas porque a gente não tinha outras [Risos].

C.M. – A universidade de alguma forma tem apoiado? Com horas para o desenvolvimento das atividades, com espaço, com os eventos, os seminários?

P.F. – A gente não pode dizer que a Universidade não apoiou, pois ela apoiou sempre. Inclusive uma das coisas que foi muito interessante, mas que a gente não conseguiu fazer: o professor Felix D’Ávila¹³, quem fundou o departamento, esteve lá, um dia, os colegas me apresentaram como centro de memória. Eu levei eles lá. Antes de ele ir embora pro Rio de Janeiro. Infelizmente logo ele faleceu. Ele era Carioca e foi aluno da Escola Nacional. Ele

¹² Nome do projeto aprovado em edital com fomento da Rede Cedes: Memórias do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: trajetórias de formação (1975-2009) (UFSE).

¹³ Professor Felix D’Ávila nasceu a 19 de janeiro de 1928, na cidade de Aracaju/SE, faleceu aos 86 anos de idade.

doou alguns livros, parte de sua bibliografia. Nós fizemos uma sessão do professor Félix D'Ávila. Sobre o apoio institucional, talvez para os eventos, embora temos que pedir muito. Então apoio para os eventos, temos, mas no sentido de apoio cotidiano, de estrutura não. O que a gente solicitava, na medida do possível, em termos de horas, em termos de estrutura pra eventos, a chefia sempre foi muito solidária inclusive, à causa.

C.M. – Sabemos que existe o acervo da própria instituição, mas algum professor doou algum tema específico de alguma prática corporal ou material didático de uma disciplina específica?

P.F. – Parte do material estava em outra sala, quando trouxemos esse material para a nossa sala, percebemos que tinha bastante coisa de ginástica e boa parte do material era da professora Martha Bragança, que ainda está no departamento, embora esteja quase se aposentando, ela tinha ido para Espanha fazer seu Doutorado e deixou o material no departamento. Então, temos muito material de Ginástica. Algumas bibliografias doadas pelo professor Félix D'Ávila e no mais, temos muito material institucional: atas, relatórios, correspondências. Temos também as revistas, a Revista Brasileira de Educação Física de Esportes, aquela depois da década de 1960. Tem algumas coisas muito esparsas, não dá pra dizer que temos uma coleção 'x' ou 'y', pois está tudo muito misturado. Como já faz mais de um ano que me desliguei de lá não sei como andam as coisas, eu só pedi para o pessoal quando eu saí de lá, que “por favor, não desfaçam do material”. Atualmente, nem sei como está a estrutura [Risos].

C.M. – No site vocês têm algumas pesquisas, tem uma que parece estar por sua coordenadoria e outra que parece ser do professor Hamilcar. Você poderia falar um pouquinho sobre estes projetos de pesquisas?

P.F. – A do professor Hamilcar, se não me engano, estava ligado mais a dimensão do esporte, do futebol, em Sergipe. O meu projeto estava mais ligado a trabalhar com a higiene do corpo e da água, foi desenvolvido ao longo de dois anos, fizemos um inventário imenso no acervo, eu tinha duas Bolsistas, essa pesquisa estava vinculada ao grupo de pesquisa, então a gente trabalhou com a ideia do corpo e da água na cidade, do rio, do mar e então localizamos essas práticas higiênicas a partir de um jornal específico, o Jornal de

Aracaju como fonte. Acabamos escolhendo esse jornal pela maior circulação. Essa foi a pesquisa que foi mais aprofundada por mim e por um grupo, especificamente, pela Marialda Santana Pereira que foi minha Bolsista durante dois anos. O projeto que escrevemos juntos, o professor Hamilcar e eu, foi pensando no acervo institucional do CEMEFEL. Acabamos utilizando do acervo, os materiais daquele curso, como fonte, porque era o material que estava mais organizado, um material da década de 1970, classificamos como um material importante e porque ele localizava alguns professores do departamento, já que a ideia era pensar o acervo institucional. Lançar mão do acervo para pesquisa, a gente fez muito pouco. No entanto, mobilizar isso, mobilizar o grupo de pesquisa, localizar as temáticas, difundir a pesquisa em história da Educação Física, a gente fez mais. Praticamente todos os Bolsistas, todos os orientandos que eu tive, como eu sou professora de metodologia da ginástica escolar, da dança e de história, ou eles estavam trabalhando com pesquisas mais específicas da história, no âmbito da higiene, no âmbito das práticas corporais, ou estavam trabalhando com alguma coisa da história da Ginástica ou da história da Dança, que acabavam caindo na minha mão.

C.M. – Vocês chegaram a trabalhar com História oral?

P.F. – Não. O professor Hamilcar sim, no momento anterior a minha chegada. Ali enquanto grupo de pesquisa, não trabalhamos com história oral. Inclusive no dia que eu conversei com o professor Félix D'Ávila, já que a gente tinha acabado de escrever um pequeno projeto para mobilizar o acervo, porque a gente tinha feito um inventário no primeiro ano, a gente pensou em aproveitar ele, fazer uma entrevista e tal, mas as contingências da semana não deixaram e a gente acabou perdendo e o Professor morreu logo depois. Nós estivemos com ele durante pouco tempo, pois ele estava recebendo uma homenagem do departamento, uma placa, o pessoal fotografou. A gente foi lá ver e eu me arrependo até hoje, de não ter feito aquilo, naquele momento. Mas passou porque era o único professor que eu tinha tido contato e que eu tinha visto o material dele.

C.M. – O acervo é só documental, ou possui fotos, arquivos tridimensionais?

P.F. – O acervo possui arquivos tridimensionais: troféus. Tem fotos também, imagens, fitas e DVDs, muita coisa no suporte de papel mesmo, como as atas, as caixas que vinham da secretaria.

C.M. – Agora, eu gostaria que você comentasse a sua experiência no CEMEF de Minas. Como você se aproximou do CEMEF e como estão sendo suas atividades lá e como foi anteriormente.

P.F. – Eu acabei me aproximando do CEMEF, na volta de Campinas, muito por conta da professora Andrea Moreno, que tinha sido minha orientadora na graduação, ela tinha acabado de chegar a Belo Horizonte, ela perguntou: “Priscilla, você vai participar das reuniões do Grupo de Pesquisa?” Aí eu fui e fiquei enquanto grupo de pesquisa até ir para Aracaju. Foi em um momento que eu tinha acabado o mestrado e que eu estava dando muitas aulas nas Universidades particulares. Eu estava com um número imenso de aulas, na região metropolitana de Belo Horizonte, mas eu deixei as sextas-feiras à tarde para as reuniões do Grupo de Pesquisa. Então, eu mais participava das reuniões no sentido de estar compondo o Grupo de Pesquisa do que participava de qualquer tipo de organização do acervo, porque realmente foi o momento em que eu “enfiei a cara no trabalho”, foi uma opção que eu fiz. Quando eu comecei a pensar na possibilidade de me aproximar do trabalho com o acervo, porque as reuniões sempre tiveram uma característica para pensar os projetos de cada professor, a inserção de cada um com o acervo, uma coisa que a Meily¹⁴, a Andrea e o Tatá¹⁵ tinham feito, na época eram os três, depois chegou a Carol¹⁶, o professor Marcus Taborda¹⁷, eles separavam as reuniões tanto por projeto quanto por trabalho no acervo. Então tinha reunião que era específica sobre as coleções, a Meily até lançou um livro agora, por exemplo, a coleção de fotografias, que eu sei que era a Andrea que organizava, então a gente tinha algumas reuniões para tratar do acervo de forma bem específica, as reuniões de sexta-feira, outras eram pra tratar de reunião de estudo, então tem uma agenda temática até hoje. Em alguma medida, essa forma de organização me impactou e impactou meu grupo de pesquisa lá, eu tentei organizar de alguma forma isso, eu só não consegui organizar a questão do acervo, realmente por conta dessas

¹⁴ Meily Assbú Linhales.

¹⁵ Tarcisio Mauro Vago.

¹⁶ Ana Carolina Vimieiro.

¹⁷ Marco Aurélio Taborda.

contingências. Na minha volta agora, tem mais de um ano que eu voltei, me inseri, novamente, no grupo de pesquisa, mas ainda, não contribuindo diretamente com o acervo. Eu tenho pesquisado no acervo, na minha pesquisa de Doutorado eu tenho lançado mão das fontes que estão ali, no acervo do CEMEF, mas em termos de organização, de contribuição, no fazer diário do centro de memória, muito pouco ou quase nada. [Risos]

Isso é uma coisa que eu gostaria de ter feito a um tempo atrás, eu tinha até comentado com a Meily, que assim que acabassem as disciplinas eu iria ajudar a assumir uma coleção porque a ideia é de que cada professor assuma uma coleção, porque é trabalho para uma vida. Para várias. A minha ideia agora, já que acabei as disciplinas e estou acabando a coleta, é no máximo a partir do meio do ano, eu me envolver com alguma coleção, não sei se vou conseguir diante do volume de trabalho, mas a ideia era essa. Pensei na sugestão de ir pensando diretamente com o meu objeto de pesquisa. Também no CEMEF, a minha inserção é muito mais ao grupo de pesquisa, no sentido da produção de pesquisa, do debate teórico metodológico, do debate sobre o tema da Educação Física do que o contato direto com a organização do acervo.

C.M. – Gostaria de registrar mais alguma coisa?

P.F. – Eu gostaria de agradecer e dizer o quanto é importante esse projeto.

C.M. – A gente que agradece.

P.F. – O seu projeto de doutorado também é importante.

[FINAL DA ENTREVISTA]